



ARTE E EDUCAÇÃO GEOGRÁFICA: possibilidades a partir de obras do Museu de Arte Contemporânea de Mato Grosso do Sul (MARCO)

Renan Carnaúba de Oliveira
renan_carnauba@hotmail.com

Mestre em Geografia pela Universidade
Federal da Grande Dourados (UFGD).

ORCID: <https://orcid.org/0000-0002-0414-3960>

RESUMO

Neste trabalho procuro discutir as potencialidades da linguagem da Arte na educação geográfica a partir de uma experimentação com algumas obras do acervo permanente do MARCO (Museu de Arte Contemporânea de Mato Grosso do Sul) realizada com estudantes do Ensino Fundamental da Rede Pública Estadual do município de Fátima do Sul (MS). Além de estimular a participação ativa dos estudantes, dialogando sobre suas percepções e criando suas próprias obras, a experimentação também proporcionou o contato dos estudantes com uma parte da produção artística sul-mato-grossense. Utilizo as obras não apenas para ilustrar o conteúdo, mas para potencializar imaginações sobre o espaço. Baseio a discussão em conceitos propostos por autores como Doreen Massey (2008), Gilles Deleuze (2013), Felix Guattari e Suely Rolnik (2013), entre outros, referenciando a aproximação da Arte com a Geografia.

PALAVRAS-CHAVE

Linguagem da Arte, Educação geográfica, Imaginações espaciais.

**ART AND GEOGRAPHICAL EDUCATION:
possibilities from artworks of the Contemporary Art Museum
in Mato Grosso do Sul (MARCO)**

ABSTRACT

This paper look up to discuss the potentialities of the language of Art in geographic education from an experiment with some artworks from the permanent collection of Museum of Contemporary Art of Mato Grosso do Sul (MARCO) carried out with Elementary School students from the State Public Network of the city of Fátima do Sul (Mato Grosso do Sul State). Besides encouraging the active participation of students, talking about their perceptions, and creating their own works, the experimentation provided students with contact with part of the artistic production in the state of Mato Grosso do Sul. We use the artworks not only to illustrate the content, but also to enhance imaginations about space. We based the discussion on concepts proposed by authors such as Doreen Massey (2008), Gilles Deleuze (2013), Felix Guattari and Suely Rolnik (2013), among others, referencing our understanding of the approximation between Art and Geography.

KEYWORDS

Language of Art, Geographic education, Space imaginations.

Introdução

Este texto é resultante de uma experimentação realizada com estudantes do 7º ano do Ensino Fundamental de uma escola da rede pública estadual do município de Fátima do Sul, Mato Grosso do Sul (MS). A experimentação objetivou trabalhar obras de Arte, especificamente pinturas, como dispositivos que estimulassem os estudantes a expor suas imaginações espaciais e criar suas próprias obras.¹

Para realizar a experimentação, foram selecionadas obras do Museu de Arte Contemporânea de Mato Grosso do Sul (MARCO) localizado na cidade de Campo Grande (MS). O acervo de longa duração do MARCO conta com obras de distintos artistas, promovendo ao público um cenário da Arte Sul-mato-grossense através de sua história.

Levei para a escola imagens de algumas obras do MARCO, selecionadas considerando obras que não possuíam classificação de idade em sua exposição e/ou fizessem referência a questões relativas à espacialidade de Mato Grosso do Sul. Além

¹ A experimentação em questão é parte da dissertação de mestrado intitulada "Arte e educação geográfica: possibilidades a partir de obras do Museu de Arte Contemporânea de Mato Grosso do Sul (MARCO)", defendida junto ao Programa de Pós-Graduação em Geografia da UFGD (Universidade Federal da Grande Dourados), sob orientação da Profa. Dra. Flaviana Gasparotti Nunes.

disso, realizei um levantamento sobre aspectos da biografia dos artistas e características de suas produções para apresentar aos estudantes.

Nas experimentações apresentei para os estudantes as imagens das obras com o auxílio de um projetor de imagens. Apresentei, também, as características de cada artista, através de explanação dialogada e escrita, destacando palavras-chaves no quadro da sala, além das falas dos estudantes. Provoquei os estudantes a expor suas percepções, a falar sobre o que gostaram e o que não gostaram, o que os deixou incomodados, buscando ouvir o que eles pensavam a partir da observação das obras, não estabelecendo previamente o assunto ou conteúdo que deveria ser seguido. Após os diálogos, foi instruído que os participantes das experimentações criassem Arte, fazendo seus desenhos ou pinturas, inspirados (ou não) nas obras que foram apresentadas e discutidas².

O que foi proposto nesse processo foi pensar a Arte, aqui, em específico, a pintura como linguagem e não como recurso ou mera representação, exercitando suas possibilidades e as potencialidades na criação de imaginações espaciais. A ideia foi movimentar o pensamento acerca da educação geográfica através dos signos produzidos pela Arte.

Ao discutir as possibilidades de pensar a Arte na educação geográfica, pretendo também, de alguma maneira, possibilitar o acesso de alunos e professores do ensino público básico às obras do acervo do MARCO. O ideal seria levar os estudantes até o museu, porém, com auxílio da tecnologia, uma parte do museu foi transportada para a sala de aula através do equipamento de projeção de imagens. Foi estimulada uma descentralização do acesso à Arte a partir da produção artística sul-mato-grossense, já que na cidade onde ocorreram as experimentações, não há museu. Penso como importante a aproximação da população com a Arte e vemos a escola como instituição que pode contribuir nesse processo.

Ideias e referências mobilizadoras do trabalho

Antes de apresentar as experimentações realizadas, abordarei algumas ideias e referências teórico-conceituais que mobilizou a aproximação entre Geografia e Arte.

Começo com a reflexão sobre as relações entre a educação geográfica e o ensino de Geografia. As duas noções se relacionam de modo indissociável, no entanto, a

² As participações dos estudantes na experimentação foram autorizadas pela direção e coordenação da escola.

educação é um termo mais abrangente do que ensino (REGO; COSTELLA, 2019). O termo *ensino* é associado a uma ideia instrumentalizada; é construído como atividade caracterizada por uma meta específica a ser atingida (REGO; COSTELLA, 2019). Já a *educação* está associada a expressão “formadora para a vida” (REGO; COSTELLA, 2019). Procuo um movimento que vá além das metas instrumentalizadas, portanto, entendo que educação é o termo que mais abrange a ideia deste trabalho.

Embora sejam termos muitas vezes utilizados coloquialmente como sinônimos, educação e ensino remetem a noções distintas quando empregados de modo preciso, sendo o termo educação mais abrangente do que ensino, ainda que se relacionem de modo indissociável. Enquanto o ensino pode ser entendido como uma forma sistemática de transmissão de conhecimentos, que encontra na instituição escolar o seu meio mais usual, a educação enfatiza um processo de socialização que inclui o ensino escolar sem se resumir a esse, processo presente em todas as sociedades através do tempo, inclusive naquelas em que não existe ou não existiu a instituição escolar (REGO; COSTELLA, 2019, p. 2).

Portanto, sigo para superar ideias que se fundamentam em uma sistemática transmissão de conhecimentos. Trato de pensar em educar geograficamente, movimentando o pensamento acerca do espaço, seguindo a noção de pensá-lo como aberto, caracterizado pela multiplicidade (MASSEY, 2008). Educar geograficamente para golpear qualquer ideia de pensamento único dos sujeitos acerca do espaço, afinal, entendemos que a educação está associada a ideia de “formadora para a vida” (REGO; COSTELLA, 2019). Penso em formar para a vida, sujeitos que compreendam o espaço como marcado pela multiplicidade, onde diferentes trajetórias não são sufocadas por ideias hegemônicas. Uma educação geográfica que não aprisiona a imaginação sobre o espaço. É pensar para além da representação das superfícies, para além das ilustrações dos livros didáticos. A percepção uniforme pode gerar implicações no pensamento sobre o espaço, sobre as nossas políticas no cotidiano. Com a linguagem da Arte, proponho pensar o espaço como multiplicidade, como encontro de trajetórias até então (MASSEY, 2008).

Este estudo é baseado na noção de espaço como uma simultaneidade de estórias-até-então, com múltiplas conexões, encontros e desencontros, sempre abertos (MASSEY, 2008), portanto não é possível restringir a educação geográfica às concepções pautadas exclusivamente em transmissão de informações, como única forma de conceber esse espaço, pois se o espaço é marcado pela multiplicidade, pela abertura de acontecimentos, não podemos restringir seu estudo a sistemática transmissão de conteúdo.

Delimitada, então, às noções de educação geográfica e de espaço que este estudo segue. É importante destacar que nas experimentações realizadas, o objetivo não esteve voltado ao campo específico da Arte, ou seja, não teve como objetivo os estudantes realizarem uma análise crítica da técnica de cada obra ou utilizar a Arte como meio para confirmar informações acerca de determinado arranjo espacial, mas sim como dispositivo de movimento do pensamento.

Para sustentar a ideia de Arte como provocadora do pensamento, diálogo com os escritos de Deleuze (1978), que aponta que a Arte tem o poder de chocar, provocar cada sujeito de uma maneira específica. O poder da Arte está em nos deslocar do conforto através de seus signos que, conforme Deleuze (1987) são as sensações ou marcas que pedem decifração, forças que movimentam o pensamento. Deleuze (1987) aponta que toda aprendizagem se dá pela violência dos signos, principalmente os da Arte, pois nos permitem sonhar, nos violentam, nos tiram do conforto. Portanto, todo aprendizado remete aos encontros inusitados com signos que afetam o corpo, a mente e o pensamento. Este estudo provoca o encontro inusitado da Arte com a Geografia.

Na busca pelo aprendizado, a decepção é outro fator importante, pois, conforme Deleuze (1987) ficamos decepcionados quando o objeto não nos revela o segredo que esperávamos e com isso buscamos outras possibilidades. Os estudantes esperam uma aula de Geografia baseada somente em livros didáticos, mapas, globo terrestre, ao se depararem com obras de Arte, suas expectativas serão frustradas e isso provocará o pensamento a buscar outras imaginações.

Provoquei outras possíveis geografias, outras formas de se imaginar o espaço, possibilidades infinitas, criação e solução de novos problemas, permitindo os estudantes a devanear, expressarem suas imaginações, ou seja, não foi preestabelecido nenhum tema a ser dialogado com os estudantes. Sendo assim, todos os diálogos relatados no decorrer deste texto partiram deles.

Os estudantes que participaram da experimentação, não receberam comandos sobre o que deveria ser imaginado e dialogado. Seguindo como referência Guattari (2013) e Rolnik (2013), procuramos desenvolver um processo de singularização, recusando todos os modos de decodificação preestabelecidos, todos os modos de manipulação e de telecomando. "[...] Recusá-los para construir, de certa forma, modos de sensibilidade, modos de relação com o outro, modos de uma produção, modos de criatividade que produzam uma subjetividade singular" (GUATTARI ROLNICK, 2013, p.17). A Arte como dispositivo de mudança, causando um pequeno acontecimento que

retire a Geografia da estabilidade que ela se encontra no entendimento dos estudantes, provocando mudança nos valores preestabelecidos.

Uma singularização existencial que coincida com um desejo, com um gosto de viver, com uma vontade de construir o mundo no qual nos encontramos, com a instauração de dispositivos para mudar os tipos de sociedade, os tipos de valores que não são os nossos. (GUATTARI; ROLNIK, 2013, p.17)

A partir das obras selecionadas do MARCO, criou-se a possibilidades de se imaginar o espaço para além da rigidez dos conteúdos, gerando possibilidades outras de aprendizagem.

A aprendizagem, a partir das pequenas ações, dos pequenos gestos, nos pequenos redutos aparentemente esquecidos pelo capital, é uma forma de micropolítica, uma maneira de subverter a macropolítica homogeneizante, de construir uma educação menor [...] (PEREIRA, 2019, p.54).

Os estudantes, no cotidiano, encontram “uma função de equipamento subjetivo da televisão, da família, dos sistemas escolares” (GUATTARI; ROLNIK, 2013, p. 54), estão envoltos pela macropolítica. As instituições de ensino, como apontado por Guattari e Rolnik (2013) possuem um papel importante para a manutenção do capital e age como agente da macropolítica.

Segundo Guattari e Rolnik (2013), o capital ocupa-se da sujeição econômica, e a cultura, da sujeição subjetiva, ou seja, uma cultura trabalha para produzir subjetividades padronizadas para o sistema. “É a própria essência do lucro capitalista que não se reduz ao campo da mais-valia econômica: ela está também tomada de poder da subjetividade” (GUATTARI; ROLNIK, 2013, p.16). Busquei subverter esse fato, desmontando essa mecânica nas experimentações, com outras formas de se pensar o espaço mexendo com toda riqueza de possibilidades e de expressões dos próprios sujeitos (GUATTARI; ROLNIK, 2013).

Todos esses conceitos se conectam a noção de espaço que seguimos nesse estudo. Como já apontado, o espaço com base em Massey (2008), a partir de um conjunto de ideias como inter-relações e heterogeneidade, o que forma uma esfera da possibilidade de existência da multiplicidade, um espaço sempre aberto, em construção. A proposta é gerar novas imaginações espaciais, diferente daquelas criadas por pensamentos que estabelecem um fechamento da possibilidade da existência da multiplicidade, impondo uma noção de espaço fechado, fixo, atemporal.

A Arte auxiliou nesse processo de abertura para outras imaginações espaciais a partir do movimento que ela proporcionou na noção de Geografia e de espaço que os estudantes tinham previamente. Provocou o pensamento a sair do estado de estase, buscando novos questionamentos, novas respostas, diferentes problemas. Os elementos das obras de Arte apresentam também potencial para reconhecer a coexistência de outros, o que nos guia para noção de espaço caracterizado pela multiplicidade, como uma imbricação de diferentes trajetórias (MASSEY, 2008).

Neste sentido, utilizei a Arte para mobilizar outras maneiras de pensar o espaço no contexto educacional (PEREIRA, 2019). Entendo que ela tem potencial para mobilizar o pensamento dos estudantes sobre o espaço, pois transcende os livros didáticos, a cartografia tradicional e as imagens oficiais dos lugares apresentados pela mídia (PEREIRA, 2019).

A experimentação

Para realizar a experimentação, foi preciso não sobrepor a Geografia sobre a Arte ou vice-versa, a ideia é explorar uma relação entre linhas paralelas, que se interferem, ao mesmo tempo, respeitando seus poderes de criação (DELEUZE; GUATTARI, 2013). Uma é intercessora da outra no processo de criação. Intercessores são “[...] como espécie de linhas melódicas estrangeiras umas às outras e que não cessam de interferir entre si” (DELEUZE, 2013, p.160). Portanto, nessa experimentação as linhas da Arte e da Geografia se relacionaram para criar outras possíveis formas de se imaginar o espaço, no entanto, o poder de uma não sobrepoderá a outra.

As obras selecionadas para a experimentação fazem parte do acervo permanente do MARCO e apresentam potencial para proporcionar outras formas de pensar o espaço, sobretudo características importantes sobre o estado sul-mato-grossense. Seguindo a noção de espaço como aberto, caracterizado pela multiplicidade (MASSEY, 2008), apostei em obras que poderiam tensionar o pensamento do estudante acerca do estado em que eles vivem marcados por encontros de diferentes trajetórias como indígenas, latifundiários, imigrantes, entre outras. Nesse contexto, trajetórias consideradas minorias, mas que são majorias, são sufocadas.

A experimentação seguiu então uma perspectiva sem amarras para o pensamento sobre o espaço, buscando superar representações que sufocam a existência de múltiplas trajetórias no estado onde os estudantes vivem. Segundo Massey: (2008, p.94),

[...] conceber o espaço como um recorte estático através do tempo, como representação, como um sistema fechado, e assim por diante, são todos modos de subjugar-lo. Eles nos permitem ignorar sua verdadeira relevância: as multiplicidades coetâneas de outras trajetórias e a necessária mentalidade aberta de uma subjetividade especializada. (2008, p.94).

O pensamento dos estudantes foi ampliado, pois a experimentação teve como objetivo ir para além de informações transmitidas como verdade e provoqueei imaginar o espaço sempre em processo. Para realizar essa provocação do pensamento, segui alguns caminhos na experimentação. Primeiro, dialoguei com os estudantes sobre o caráter hospitaleiro e educativo dos museus e coloquei a possibilidade de aproximar Arte e Geografia. Em seguida, com o auxílio de um projetor de imagens, apresentei as obras selecionadas, a partir de fotos que o autor desse texto tirou das obras no MARCO, e explanei sobre os artistas, estabelecendo o contexto tempo-espacial que os artistas estavam no período que criaram as obras. Logo após, os estudantes foram estimulados a dialogar sobre suas imaginações impulsionadas pelas obras. Para finalizar o caminho entre as linhas da Arte e da Geografia, foi proposto aos estudantes que criassem suas próprias obras, tornando a sala de aula também em ateliê, onde se criava Arte e se dialogava sobre espaço.

Na sequência, apresento as imagens das obras que foram utilizadas nas experimentações e as criações artísticas dos estudantes, destacando minhas percepções a partir de fatos ocorridos durante a experimentação.

A primeira obra que apresento é “O Sopro” (Figura 1), de Humberto Espíndola, foi elaborada no ano de 1978 e faz parte da série criada com a temática do processo de divisão do estado de Mato Grosso em dois estados brasileiros. Neste período, o Brasil estava sob a ditadura militar e, no mesmo período, o estado de Mato Grosso foi dividido.

O artista possui como principal característica de suas pinturas o sarcasmo à bovinocultura, onde associa boi ao dinheiro, dinheiro ao poder e o poder à política. Os elementos utilizados em “O Sopro” remeteram os estudantes a associações com a ideia de poder. A noção de que, quem é proprietário de terras e criador de gado possui poder, afinal, no período em que a obra foi criada, o boi estava relacionado ao dinheiro, ao comércio, ao progresso do estado de Mato Grosso do Sul.

Em período marcado pela repressão e censura da ditadura militar, o artista faz uma sátira ao poder, aos poderosos, aos generais, fazendo-os como homens bois, que se enrolavam na bandeira nacional brasileira. O artista se inspirava na *pop-art* norte-americana, que tinha como tema o jeito de viver do estadunidense, para produzir sua série com o tema Bovinocultura, onde utiliza várias cores na criação de suas obras,

procurando retratar qual era o modo de viver que monopoliza a narrativa sul-mato-grossense.



Figura 1: O Sopro (1978) - Óleo sobre tela 130 X 170 cm.
Fonte: Acervo do MARCO

A seguir, duas releituras da obra de Espíndola (Figura 2 e Figura 3), que foram criadas pelos estudantes que participaram da experimentação. Os estudantes tiveram a liberdade de criação, ou seja, não foi estabelecido o que deveriam desenhar ou pintar, as obras do MARCO agiram como inspiração a partir de seus signos.



Figura 2: Releitura 1 da obra “O Sopro”, criada por estudante do Ensino Fundamental (2018).
Fonte: Acervo do autor

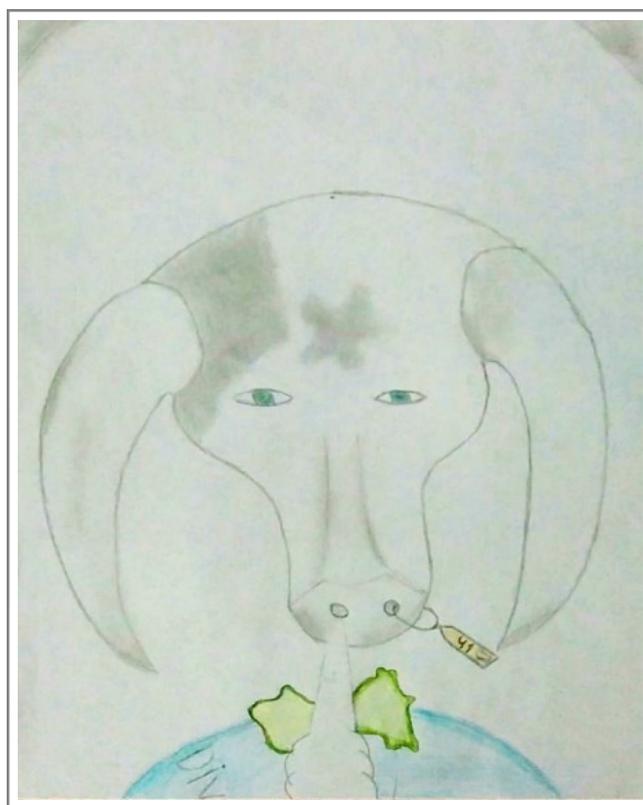


Figura 3: Releitura da obra “O Sopro” 2, criada por estudante do Ensino Fundamental (2018).
Fonte: Acervo do autor

O estudante desenha, na Figura 2, uma bandeira tendo a brasileira como referência, com o símbolo de uma emissora de televisão inserido no centro. Durante o processo de criação, o estudante autor desta figura questionou se poderia fazer o desenho do símbolo ao invés da boina militar. O estudante só foi orientado a pensar o desenho como uma fuga das regras preestabelecidas e que poderia imprimir suas percepções. No entanto, foi questionado o porquê do símbolo da emissora e o estudante respondeu que “quando essa pintura foi feita, os militares tinham influência sobre as coisas, agora é só a mídia” (informação verbal)³. O estudante, através das suas percepções, projetou aspectos do período em que a obra foi produzida com a atualidade a partir dos elementos que o atravessaram.

Na releitura representada na Figura 3 o estudante utiliza referências que ele já possuía acerca de outras produções artísticas do autor da obra. O estilo de Espíndola como uma sátira à sociedade do boi atravessou o estudante em outras trajetórias que o mesmo percorreu. Quando as obras foram apresentadas, no primeiro momento em que “O sopro” apareceu no projetor, o estudante foi o primeiro a entoar o nome da obra em voz alta. O estudante misturou elementos de outras obras do artista, com a apresentada na experimentação, para expor seu potencial de criação estimulado pelos signos emitidos pela obra.

A segunda obra do MARCO apresentada foi “Dos Bugres” (Figura 4), criada por Júlio Cabral em 1999. A obra mostra a figura do índio usada como objeto, um broche sobre a gravata. A gravata em relação ao broche, com a imagem indígena, sugere gesto de dominação do homem branco sobre a população indígena. O tamanho da gravata comparado com o broche sugere a redução da liberdade dos indígenas, redução da sua importância, limites em seu *tekohá*⁴. O vermelho sugere o sangue, uma alusão ao genocídio indígena ao longo da história. A cor da gravata, o verde, cor predominante das matas brasileiras, cada vez mais tendo seu destino dominado pelo interesse econômico. A obra, portanto, possui pouca quantidade de elementos em sua composição, porém, muitos significados marcantes, o que provocou intensamente os estudantes durante sua exposição.

³ Fala de estudante do 7º ano do ensino fundamental durante a experimentação em 9 de nov. 2018.

⁴ *tekoha* é uma categoria nativa da língua guarani e uma das principais expressões de luta e resistência dos povos Guarani e Kaiowá que vivem no estado de Mato Grosso do Sul. (MOTA, J. 2017, p. 62).



Figura 4: Dos Bugres (1999) - Óleo sobre tela 100 X 80 cm.
Fonte: Acervo do MARCO

A obra possui elementos que proporcionam potencial para diversas imaginações espaciais, mas o que mais se expressou durante a experimentação foi o desgosto pelos mandatários de latifúndios, uma imaginação que movimentou o pensamento dos estudantes.

A seguir, as criações dos estudantes inspirados em “Dos Bugres”.

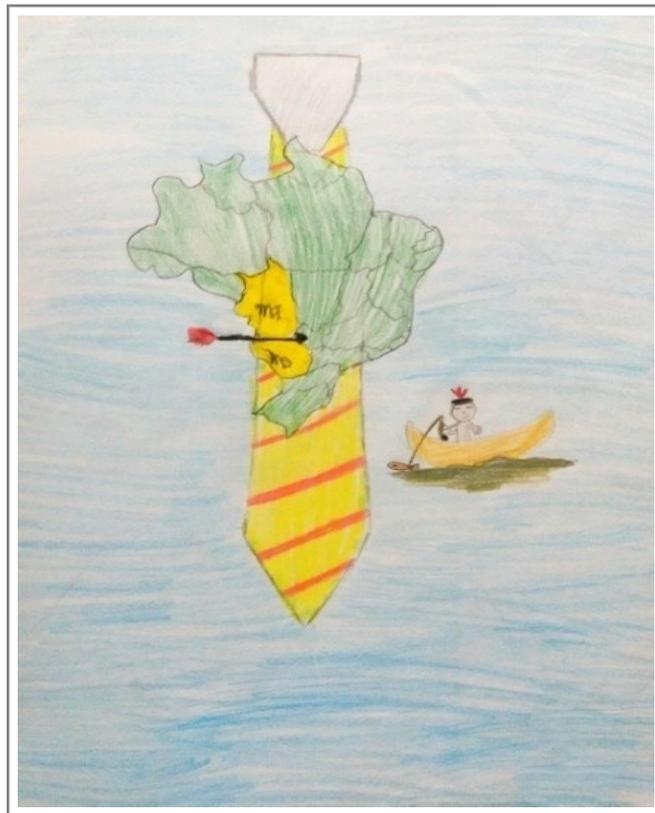


Figura 5: Releitura da obra “Dos Bugres” 1, criada por estudante do Ensino Fundamental (2018).
Fonte: Acervo do autor

A estudante que criou a imagem da Figura 5 sugeriu de retirar o indígena da condição de dominado. Um desenho com referência ao mapa do Brasil ocupa a posição de objeto na gravata. A figura indígena é desenhada pela estudante em um barco, não vinculado aos outros elementos centrais do desenho, pescando em um fundo azul que se refere à água. A estudante explicou que “agora o índio está livre para pescar, antes ele estava preso no meio de quem usa gravata e destrói a natureza” (informação verbal)⁵.

A seguir a Figura 6, outra criação inspirada em “Dos Bugres”, assim como a Figura 5, sugerindo retirar a figura indígena da posição de dominado.

⁵ Fala de estudante do 7º ano do ensino fundamental durante a experimentação, em 9 de nov. 2018

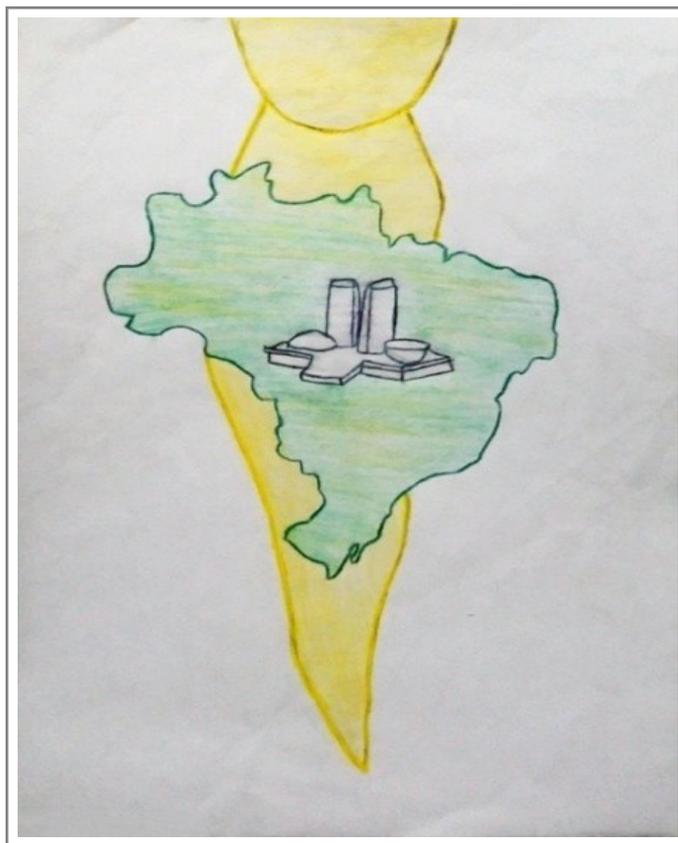


Figura 6: Releitura da obra “Dos Bugres” 2, criada por estudante do Ensino Fundamental (2018).
Fonte: Acervo do autor

Nesta imagem (Figura 6) noto uma referência ao Palácio do Planalto ao centro de um mapa do Brasil. No diálogo com a estudante, a criadora do desenho externou que “o índio não pode estar servindo de enfeite na gravata, quem usa gravata é quem tem poder, e está morando aqui nesse palácio” (informação verbal)⁶. A fala da estudante sobre sua releitura demonstra reflexões acerca da posição imposta à população indígena. A substituição do broche, em sua releitura, conectada com sua explanação, demonstra uma preocupação em retirar a imagem indígena dessa condição e coloca como objeto o símbolo da política brasileira.

A palavra “poder” foi muito utilizada pelos estudantes para externarem suas percepções, associando a figura do boi à gravata, demonstrando uma articulação entre elementos de obras diferentes. Essas conexões feitas a partir da participação efetiva dos estudantes contribuíram para a discussão sobre a espacialidade do estado em que eles vivem. O diálogo que se estabeleceu na sala permitiu gerar reflexões sobre a expulsão

⁶ Fala de estudante do 7º ano do ensino fundamental durante a experimentação, em 9 de nov. 2018.

dos povos indígenas de suas terras e os interesses do crescimento econômico no tratamento das questões relacionadas à população indígena.

O encontro entre Arte e Geografia provocou os estudantes a imaginarem trajetórias sufocadas no decorrer da história do Mato Grosso do Sul, que é associada à produção agropecuária, pela mídia e pelas imagens oficiais dos lugares. O pensamento foi provocado a superar a narrativa dominante, gerando a possibilidade de se imaginar o espaço pela sua principal característica, a multiplicidade (MASSEY, 2008). Já a obra a seguir, traz traços inspirados em populações indígenas, ampliando o pensamento acerca do espaço. “A ceramista” criada pelo artista Adilson Schieffer, no ano de 1995, foi produzida com a técnica mista sobre tela, expressando uma característica do artista na elaboração de artes plásticas utilizando a iconografia indígena. Observe através da cerâmica, as cores, os traços, o estilo inspirado na cultura dos povos originários.

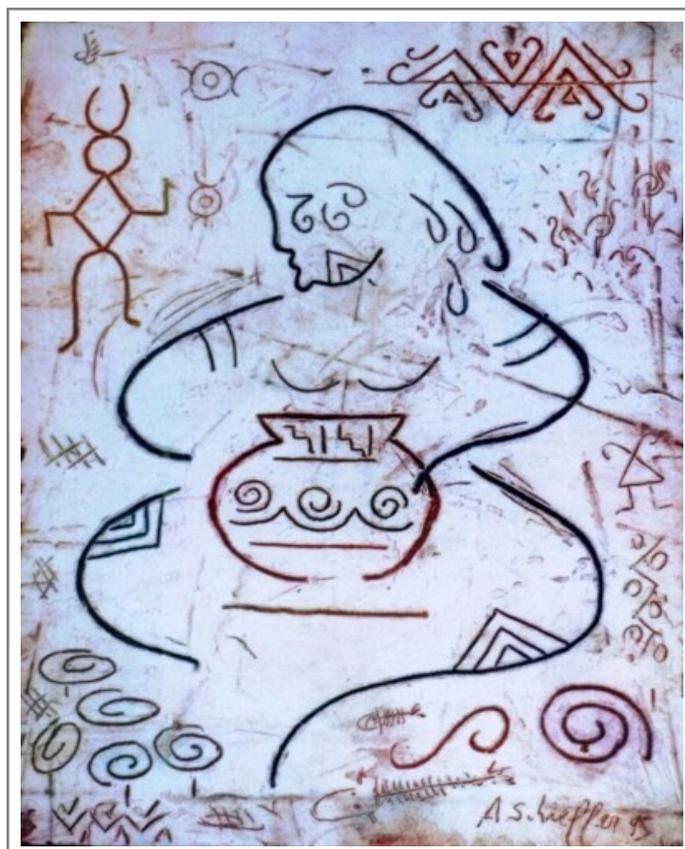


Figura 7: A ceramista (1995) - Técnica mista sobre tela 46X54 cm.
Fonte: Acervo do MARCO

As linhas finas dos desenhos corporais realizados por indígenas Kadiwéu são protagonistas em “A Ceramista”. Na imagem feminina desenhada pelo artista, é possível ver ao longo de seu corpo, traços cheios de curvas, característicos da cultura Kadiwéu.

Na figura, a mulher segura em suas mãos uma cerâmica, tradição dos grupos dessa etnia. O artista possui uma série de pinturas ligadas às mulheres indígenas personificadas como santas, ceramistas, caçadoras, buscando expressar a força das mulheres no seu cotidiano, com uma técnica em gravuras e em cimento-relevo. Os elementos presentes na obra provocaram os estudantes a dialogarem sobre a força da mulher resistindo a uma sociedade patriarcal. A seguir nas Figuras 8 e 9, criações de estudantes inspirados em “A Ceramista”.



Figura 8: Releitura da obra “A Ceramista” 1, criada por estudante do Ensino Fundamental (2018).
Fonte: Acervo do autor

Na Figura 8, a estudante criou um autorretrato inspirada na figura feminina de “A ceramista”. Durante a apresentação da obra, onde o diálogo que percorria a sala era a força da mulher indígena na produção de cerâmicas para ajudar no sustento da família. A estudante explanou que “as mulheres que moram na cidade também trabalham e lutam

por direitos. Aqui na escola, por exemplo, jogamos futsal assim como os meninos, mas não podemos treinar na quadra o mesmo tanto que eles” (informação verbal)⁷. A explanação da estudante, acompanhada de sua criação inspirada em “A ceramista”, demonstra uma reflexão acerca do seu cotidiano e levantamento de questões sobre ele. Após a explanação, alguns meninos tentaram reprimir a fala da estudante, desvalorizando sua técnica futebolística, o que proporcionou um debate na classe. Os elementos da obra atravessaram a estudante fazendo-a se ver no lugar da ceramista pintada pelo artista, como símbolo da resistência feminina. Na Figura 9, a estudante também se inspirou em “A ceramista”, porém, suas imaginações seguiram outra trajetória.



Figura 9: Releitura da obra “A Ceramista” 2, criada por estudante do Ensino Fundamental (2018).
Fonte: Acervo do autor

A estudante desenhou um vaso com símbolos inspirados na cultura indígena e um mapa do Brasil pintado nas cores da bandeira nacional. Em diálogo com a estudante durante a sua criação, ela explicou que o desenho significa uma “recuperação do país”. Ao ser questionada sobre qual recuperação seria, a estudante respondeu que “o lado

⁷Fala de estudante do 7º ano do ensino fundamental durante a experimentação, em 9 de nov. 2018.

verde é onde ainda tem floresta e o lado amarelo onde as pessoas desmataram. Queria colocar o Brasil dentro desse vaso para curar ele já que os índios não desmatam” (informação verbal)⁸. A estudante utiliza o elemento do vaso de cerâmica, que é criada por mãos de mulheres indígenas, como uma espécie de caldeirão onde o país será imerso para reverter processos de devastação ambiental. Imaginação que trouxe outras possibilidades de se pensar o espaço, outras trajetórias alternativas à dominante no estado em que vive, onde ocorre devastação ambiental em prol de interesses econômicos.

As obras selecionadas do MARCO apresentam elementos que divergem e questionam uma cultura hegemônica. As imaginações espaciais originadas pelas obras implicaram em pensar uma sociedade para além do capital, reconhecendo distintas trajetórias e a possibilidade da existência da multiplicidade. Assim, busquei, junto com os estudantes, tensionar as percepções que limitam as possibilidades de outras geografias.

No estado de Mato Grosso do Sul, a narrativa dominante do interesse econômico realiza apagamentos de outras histórias, pois trajetórias alternativas a essa, aos olhos do mercado, não trazem consigo progresso. As narrativas dos povos indígenas que habitam, trabalham e constituem esse espaço são colocadas à margem, como atrasadas. Essa condição impede pensar o espaço como uma coleção de múltiplas trajetórias diferentes que se atravessam (MASSEY, 2008). Conforme menciona Massey (2008), o espaço como algo estático, fechado, aniquila a liberdade de futuro. “Com esse tipo de espaço seria, sem dúvida, impossível ter a história como devir” (MASSEY, 2008, p. 47).

Ao terem contato com as obras do MARCO, em uma aula de Geografia, muitas percepções estáticas sobre a ciência geográfica, deram lugar à construção de novas imagens, novos pensamentos, aproximando-se da noção de espaço que proporciona a surpresa, a heterogeneidade simultânea (MASSEY, 2008). Esse modo de pensar o espaço, proposto aos estudantes, desafiou os mesmos a saírem do conforto, a criarem outros processos de pensamentos. Geografia e Arte criando outras possibilidades, ampliando o pensamento acerca do espaço. Portanto, considero que o objetivo de provocar os estudantes com as obras do MARCO para ampliar o pensamento sobre o espaço foi alcançado.

⁸ Fala de estudante do 7º ano do ensino fundamental durante a experimentação, em 9 de nov. 2018.

Considerações finais

O objetivo deste estudo foi retirar a Geografia da imobilidade da representação, possibilitando novas experiências aos sujeitos participantes das experimentações por meio de outras linguagens e do acesso à Arte. Para atingir esses objetivos, busquei fundamentos teóricos, realizei a prática com a experimentação na universidade e enxerguei potencial da linguagem da Arte na relação com a educação geográfica.

Diante das discussões apresentadas sobre educação geográfica envolvendo uma experimentação que aproxima Arte e Geografia com estudantes do ensino fundamental, a partir das imaginações estimuladas pelos signos emitidos pelas obras, buscando uma discussão espacial em direção a um diálogo com múltiplas trajetórias históricas, considero válidas as contribuições das investigações realizadas neste trabalho.

Para criar outras possíveis formas de se imaginar o espaço, permiti que as manifestações artísticas se relacionassem com a Geografia sem a rigidez protocolar que estabelece limites entre Geografia e Arte. Esse modo de pensar o espaço proposto aos estudantes desafiou os mesmos a saírem do conforto, a criarem outros processos de pensamentos.

Foi proposta uma educação geográfica que crie possibilidades de outras geografias, movimentadas pela criatividade potencializadora no processo de ampliação do pensamento espacial. Uma educação geográfica que impulse os sujeitos a criarem problemas, procurando ir além de uma sistemática transmissão de informações. A relação entre Arte e Geografia demonstrou que pode movimentar o pensamento sobre o espaço.

Referências Bibliográficas

CABRAL, Júlio. **Dos bugres**. 1999. Óleo sobre tela, 100 X 80 cm. Disponível no MARCO (Museu de Arte Contemporânea de Mato Grosso do Sul).

DELEUZE, Gilles. **Proust e os signos**. Traduzido por A. C. Piquet e R. Machado. – Rio de Janeiro: Editora Graal, 1987.

_____. **Conversações**. Traduzido por Peter Pál Pelbart. – São Paulo: Editora 34, 3ª Edição, 240p., 2013a.

_____; GUATTARI, Félix. **O que é Filosofia?** 3ª edição, 1ª reimpressão. Traduzido por Bento Prado Jr. e Alberto Alonso Muñoz. – São Paulo: Editora 34, 2013, 272 p.

ESPÍNDOLA, Humberto. **O sopro**. 1978. Óleo sobre tela, 130 X 170 cm. Disponível no MARCO (Museu de Arte Contemporânea de Mato Grosso do Sul).

GUATTARI, Félix; ROLNIK, Suely. **Micropolítica: cartografias do desejo**. – 12ª edição – Petrópolis, RJ: Editora Vozes, 440p., 2013.

MASSEY, Doreen. **Pelo espaço**: uma nova política da espacialidade. Tradução de Hilda Pareto Maciel e Rogério Haesbaert. -- Rio de Janeiro: Editora Bertrand Brasil, 312p., 2008.

MOTA, J, G, B. Os guarani e kaiowá e suas lutas pelo tekoha: os acampamentos de retomadas e a conquista do teko porã (bem viver). **Revista NERA** (unesp), v. N.39, p. 13-38-38, 2017. Disponível em: <https://revista.fct.unesp.br/index.php/nera/article/view/4959/3975>. Acesso em: 26 de setembro 2021.

PEREIRA, Ernandes de Oliveira. **Cartografia, Mapas e experimentações com linguagens da Arte**: processos de produção de outras geografias em educação. Tese (Doutorado em Geografia) - Pós-Graduação em Geografia do Centro Ciências Humanas e Naturais da Universidade Federal do Espírito Santo. Vitória, p.183. 2019. Disponível em: <http://repositorio.ufes.br/handle/10/11169>. Acesso em: 27 de setembro 2021.

REGO, Nelson; COSTELLA, Roselane Zordan. Educação Geográfica e Ensino de Geografia, distinções e relações em busca de estranhamentos. In: **Signos Geográficos**, Goiânia-GO, V.1, 2019 – Boletim NEPEG de Ensino de Geografia. Disponível em: <https://www.revistas.ufg.br/signos/article/view/59454/33366>. Acesso em: 27 agosto 2020.

SCHIEFFER, Adilson. **A ceramista**. 1995. Técnica mista sobre tela 46 X 54 cm. Disponível no MARCO (Museu de Arte Contemporânea de Mato Grosso do Sul).

Recebido em 05 de setembro de 2020.

Aceito para publicação em 06 de maio de 2022.

